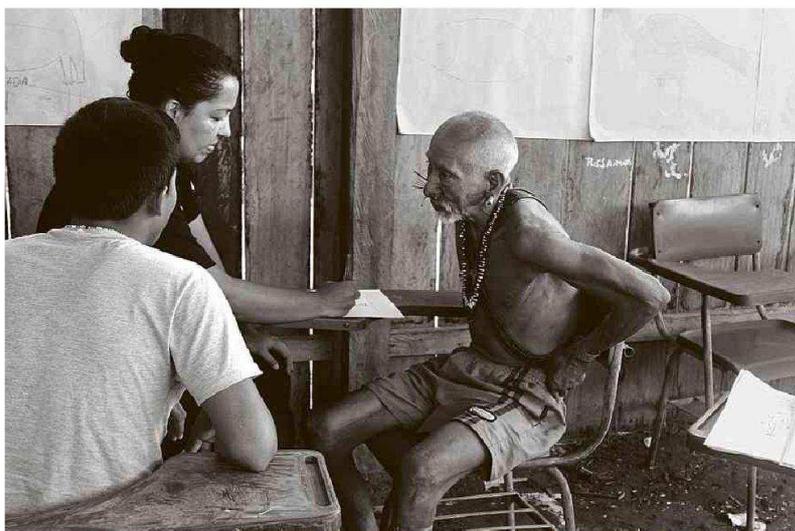


saúde



Índios são atendidos por profissionais de saúde no Vale do Javari, no Amazonas Fotos Eliseth Leão

‘Remédio do mato’ alivia mais a dor de índios, diz pesquisa

Estudo do Einstein avalia que dores indígenas do AM sentem e como se tratam

Laura Mattos

SÃO PAULO Enquanto entrevistava índios no Amazonas para descobrir que dores sentiam e como as tratavam, a enfermeira Elaine Barbosa de Moraes, 42, enfrentava uma LER (lesão por esforço repetitivo) nos braços. O problema perdurava havia cinco anos, com pouca melhora diante de anti-inflamatórios e compressas geladas.

Uma das mulheres da aldeia então aplicou na região dolorida uma resina chamada breu-branco, extraída da árvore de mesmo nome e misturada com urucum. O remédio fora preparado pelo pajé, que cantara sobre ele durante horas a fim de ativar seu efeito. Três dias depois, a dor desapareceu, e o efeito se prolongou por quatro meses.

A experiência pessoal ilustra o que Elaine constatou em sua pesquisa para o Instituto Israelita de Ensino e Pesquisa Albert Einstein, ligado ao hospital: ainda que os chamados “remédios do branco” sejam utilizados por 86,7% dos indígenas que ela entrevistou, as drogas acarretam alívio na dor para apenas 22,2% deles. Já alternativas analgésicas locais, usadas por 80%, são eficazes em 64,5% dos casos.

Dentre os tratamentos indígenas, os mais usados são os que eles chamam de remédios do mato (75,6%), feitos com plantas. Mas há outras formas de tratar a dor, como rituais, banhos, rezas, veneno de sapo, picadas de formiga, cantos e fumaça.

Os dados fazem parte do mestrado defendido pela enfermeira no mês passado.

Com apoio da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), ela liderou em 2017 uma equipe de pesquisadores que se deslocou durante dias pela floresta amazônica, utilizando avião, carro, motos, lancha, barco a remo e descolamentos a pé em mata fechada até chegar a aldeias do Vale do Javari. Localizada no oeste do Amazonas, essa é a região com o maior número de indígenas isolados do mundo.

Pioneiro, o estudo aponta a necessidade de se criar um diálogo entre a medicina convencional e a indígena, o que seria bom não só para os índios, defende Elaine, mas para todos.

“Nós, brasileiros, não valorizamos um conhecimento ancestral que é nosso. No caso dos tratamentos chamados alternativos, aceitamos a medicina chinesa e pagamos caro

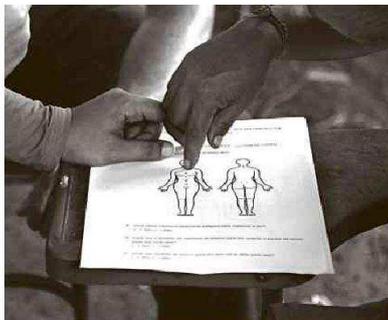
por ela, mas pouco sabemos sobre as terapias indígenas”, afirma a enfermeira, que é pesquisadora e professora da unidade de Manaus da Unip.

Sua orientadora na pós-graduação, Eliseth Leão, 54, é professora e pesquisadora do Einstein. Ela acompanhou Elaine na expedição e fez as fotos usadas no trabalho.

“No Brasil, parece que os índios nem existem. Muitos remédios alopatas advêm de produtos que eles utilizam e nos esquecemos dessa riqueza abandonada à biopirataria.

É preciso aliar conhecimentos para melhorar o atendimento aos índios e estudar que práticas deles podem ser inseridas com segurança em outros contextos. Para os dois lados essa integração seria importante”, defende.

A amostra de entrevistados foi formada por 45 homens e mulheres de três diferentes etnias: marubo, canamari e matís (esta última sem nenhum contato com não índios até o final da década de 1970), além de 36 funcionários do Distrito Sanitário Especial Indígena



Índio aponta onde sente dores para elaboração de estudo

na (DSEI), órgão do governo federal ligado ao SUS (Sistema Único de Saúde).

Para conversar com os indígenas, que não falam português, os pesquisadores precisaram de intérpretes. No momento da entrevista, 77,8% deles disseram estar com dor, a maior parte no tronco, além de dor de cabeça e nos dentes.

Com a equipe do DSEI, Elaine sondou a qualificação para o trabalho e o modo como se lida com a dor dos pacientes. São 265 profissionais para os mais de 5.400 índios do Vale do Javari, dentre os quais seis médicos, seis dentistas e um psicólogo. Há 40 enfermeiros, mas o maior número é o de técnicos em enfermagem, 82. Dos entrevistados, apenas 11,1% são indígenas.

A escassez de médicos nessas regiões, explica Elaine, gerou protocolos que autorizam enfermeiros a fazer o trabalho de ouvir as queixas dos índios e indicar tratamentos.

Nesse cenário, fazem algo que é vetado: a prescrição de opioides, como a morfina. Produzidos a partir do ópio, extraído da papoula, só podem ser prescritos por médicos e em receituário especial, retido pelas farmácias. São utilizados para dores agudas e podem ter efeito alucinógeno e causar dependência e morte por overdose.

Na pesquisa, os opioides eram 13,9% dos tratamentos analgésicos prescritos. Anti-inflamatórios não hormonais são a maioria (69,4%), seguidos de relaxantes musculares (44,4%) e corticoides (38,9%). Em menor grau do que opioides, outro remédio controlado, o antidepressivo, surgiu em 2,8% das respostas.

Elaine ponderou em sua tese que a citação a esses medicamentos de uso restrito poderia ser consequência de equívoco no preenchimento da pesquisa pelos funcionários do DSEI.

A Folha, ressaltou que, na hipótese de isso realmente ocorrer, a falha não deve ser considerada dos profissionais, mas, sim, da precariedade da formação e dos investimentos insuficientes na saúde indígena.

Outro dado, na avaliação de Elaine, pode ajudar a explicar a ineficácia da medicina convencional no tratamento dos índios: 37,9% deles se automedicam com os “remédios do branco”.

“Estamos falando de uma realidade muito precária, de dificuldade de acesso, de postos de saúde montados em cabesbres. Os profissionais trabalham em condições difíceis e sem o preparo para lidar com uma cultura diferente da deles”, diz Elaine, que preparou uma cartilha com orientações sobre o tratamento da dor para ser distribuída na região, em português e nas línguas das etnias pesquisadas.

Estudo avalia como os índios tratam suas dores

População estudada

São três etnias: matís, canamari e marubo. Eles fazem parte da Terra Indígena Vale do Javari, que tem oito etnias em 58 aldeias. A população total é de 5.481 índios



Na hora da entrevista para a pesquisa

Indígenas com dor
77,8%

Tipos de dor

Dor no corpo 73,2%
Dor de cabeça 17,7%
Dor de dente 2,2%

Como tratam a dor

Com medicina...
...do branco 86,2%
...indígena 80%

Como a dor melhora

Com remédio...
...do índio 64,5%
...do branco 22,2%

Automedicação

Usa remédio do branco com prescrição?
Sim 57,8%
Não 37,9%

Tratamentos indígenas, em %

Remédio do mato 75,6
Rituais 22,2
Banhos 17,8
Rezas 8,9
Veneno do sapo 4,4
Picadas de formiga 4,4
Cantos 4,4
Fumaça 2,2

O que receitam para a dor, em %

Anti-inflamatórios não hormonais 69,4
Relaxantes musculares 44,4
Corticoides 38,9
Opioides 13,9
Antidepressivos 2,8
Anticonvulsivos 2,8

Fonte: Pesquisa de Elaine Barbosa de Moraes. A amostra foi de 45 índios das três etnias mencionadas e 36 profissionais

Relativismo? Isso é bem relativo

Intuições morais dos humanos são mais parecidas entre si do que se imagina

Reinaldo José Lopes

Jornalista especializado em biologia e arqueologia, autor de “1499: O Brasil Antes de Cabral”

Tem gente que gosta de se desdobrar por causa do “relativismo” que teria tomado conta do mundo nas últimas décadas (frequentemente é o mesmo pessoal que faz juras de ódio eterno ao “globalismo”, seja lá o que eles queiram dizer com isso).

Para os mais preocupados, estariam entrando numa espiral doida de esquecer a diferença entre o certo e o errado, entre o belo e o horrendo. Nas palavras de uma clássica paródia da internet, “essa juventude está muito mudada” — e

vai nos levar para o buraco.

Não nego que a preocupação talvez seja positiva, mas temos bons motivos para acreditar que ela ultrapassa os limites do razoável, ou mesmo os do possível.

Alguns podem até dizer, da boca para fora, que tudo é relativo, mas há um núcleo surpreendentemente sólido para as noções humanas do que é correto. As pessoas propõem, no máximo, variações em torno desse núcleo, mas abolir o por completo não costuma passar pela cabeça de sujei-

tos normais.

A existência desse cerne comum da moralidade tem apoio considerável da análise comparativa das mais variadas culturas do passado e do presente, em especial as formadas por CCNs (caçadores-coletores nômades), a “versão 1.0” das sociedades humanas (já que passamos mais de 95% do nosso tempo de existência como espécie adotando esse estilo de vida).

Segundo tal perspectiva, refinamos nossas noções do certo e do errado tentando resol-

ver os problemas da vida conjunta em pequenas comunidades móveis com tecnologia da Idade da Pedra.

Nos últimos 10 mil anos, construímos vilas, cidades e megalópoles, fomos à Lua e rachamos átomos ao meio, mas ainda nos valem da “caixa de ferramentas” moral muito útil (e, eu acrescentaria, essencialmente verdadeira) dos CCNs.

Em seu livro “The Righteous Mind” (“A Mente Justa”, ainda sem versão brasileira), o psicólogo americano Jonathan Haidt propõe que cinco gawe-

tas básicas formam essa caixa de ferramentas: “cuidado” (para com os mais fracos, crianças etc.); “justiça” (contra trapaceiros); “lealdade” (para garantir que ninguém traia o grupo); “autoridade” (para que líderes sejam obedecidos); e “santidade” (que garante que certas coisas sejam vistas como sagradas).

Para Haidt, a tragédia das polarizações políticas modernas (para usar os termos lamentáveis do debate público brasileiro atual, entre “coxinhas” e “petralhas”, digamos) é que grupos mais à esquerda enfatizam “cuidado” e “justiça”, enquanto conservadores proclamam que “lealdade”, “autoridade” e “santidade” são igualmente importantes.

Concordo em parte com o diagnóstico, mas acho que ele enfatiza demais as diferenças entre os lados.

De sua parte, conservado-

res dificilmente vão ser contra “cuidar” de quem passe fome, ainda que questionem se isso é papel do Estado.

Do outro lado das trincheiras, esquerdistas não defendem o casamento gay porque querem profanar a “santidade” do casamento hetero, mas porque desejam que algo dessa aura caiba a casais do mesmo sexo (uma aura que também pode estar presente em uniões “seculares”, não religiosas).

O resumo da ópera é simples: ao contrário do que dizem os memes, liberal também é gente; comunista quase nunca come criança; e a esmagadora maioria dos padres e pastores jamais cogitaria embolsar o dízimo; e raríssimos muçulmanos apenam para o terrorismo (para sorte de todos nós, já que existe 1,6 bilhão deles no mundo). E isso, como dizia o velho Gandalf, é um pensamento encorajador.